



RESENHA SOBRE A OBRA MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO

XAVIER, Elton Dias Xavier*;
JESUS, Lavínya Gabriele Soares de**

* Graduado em Letras (1989) e em Direito (1995). Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2004). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2016). Pós-Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2017/2018). Professor titular da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Atua como professor e foi Coordenador Associado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (Mestrado e Doutorado) da UNIMONTES. Membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais CEE/MG 2016/2018. Membro da Diretoria da ANINTER - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES.

** Acadêmica em Direito pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Possui formação complementar em Curso de Formação em Direitos das Mulheres, publicações em anais de congresso e participação em eventos atrelados à área jurídica. Integrante do Centro Acadêmico Cyro dos Anjos da UNIMONTES.

A obra “Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano”, de autoria de Grada Kilomba – artista interdisciplinar e multidisciplinar, escritora, teórica, filósofa, pesquisadora e psicóloga –, foi publicada originalmente em inglês, no ano de 2008, e, apenas em 2019, foi lançada no Brasil pela editora Cobogó e traduzida por Jess Oliveira. Com o intuito de discutir sobre temáticas cruciais acerca do racismo e da herança colonial, Kilomba redige sua obra a partir da análise de vertentes vinculadas a essas problemáticas, que recaem sobre o sujeito negro e, ainda, por meio de uma compilação de entrevistas que relatam as vivências traumáticas do racismo cotidiano pela própria autora e também por suas entrevistadas.

Na carta à edição brasileira, Kilomba declara algumas de suas experiências e vivências na cidade a qual nasceu, Lisboa, e seu anseio de mudar desta para um local em que pudesse de fato se descobrir e se expressar como mulher negra. Na Alemanha, a autora não encontrou um

local menos opressor e racista como gostaria, mas teve a oportunidade de realizar seu doutorado a partir de diversas inspirações em intelectuais negras, como Angela Davis. Assim, como fruto de sua tese de doutorado, “Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano” foi criado e publicado como uma expressão de quem Grada Kilomba é, de modo a alcançar o seu objetivo primordial.

Além disso, a autora denota uma importância e um cuidado especial à linguagem utilizada em sua obra, de forma a esclarecer – por meio de um glossário e de notas de rodapé – termos e conceitos que são, muitas vezes, banalizados pela história e pela herança colonial brasileira; e, ainda, exalta a tradução nacional por, apesar das limitações citadas, possibilitar distinções de termos neutros que em outras traduções, como a inglesa, não são possíveis.

Introdutoriamente, ressalta-se o silêncio imposto à voz do negro na sociedade em face de uma realidade histórica – o colonialismo –, mas com consequências que se percebem nitidamente nos dias atuais. Nesse entendimento, o fato de “dar voz” ao indivíduo negro se configura como uma forma de resistência e de torná-lo, de fato, sujeito e não o “Outro” personificado e estereotipado. Kilomba compreende, então, que a análise de tornar o negro em sujeito propriamente dito se dá por meio de esforços políticos e psicanalíticos para mitigar o racismo engendrado na sociedade. Dessa maneira, a autora busca, desde já, demonstrar a imprescindibilidade de “dar voz”, oportunidade e possibilidade de expressão e vivência daquele que foi e é oprimido constantemente, reinventando, assim, a história pré-estabelecida pelo passado colonial opressor e racista.

Em seu primeiro capítulo, nomeado de a “Máscara”, é vista não como aquela que comumente se tem- em mente, mas sim como um mecanismo para testificar e demonstrar a opressão, a violência e, sobretudo, o silenciamento imposto àqueles que foram brutalmente subjugados pelo colonialismo e por suas consequências. Nesse viés, o racismo evidencia um cenário de opressão do “Outro” – negro –, reprimindo-o, mormente, a partir da negação de qualquer classificação pejorativa que recaia sobre o “eu” – branco – e de qualquer outra perspectiva que contrarie esse modo de pensar dominante. Esse cenário é uma forma de distorção e projeção do que é inaceitável sobre a figura do “Outro”, sendo o sujeito branco definido como bom e o negro como ruim.

Diante disso, a autora propõe uma reflexão de que a imagem do “Outro” é, na verdade, resultado de uma construção histórica feita pelo próprio homem branco. Assim, o racismo busca despersonificar toda a verdadeira identidade do negro, construindo uma realidade traumática a este pelo indivíduo branco como forma de fugir daquilo que ele mesmo nega. Desse modo, Kilomba demonstra que o processo de tomada de consciência desse racismo vigente é um passo fundamental para mitigar as amarras do passado. Processo que se dá, principalmente, pelo reconhecimento do “Outro” e pela reparação das desconfigurações realizadas ao longo do tempo.

Por conseguinte, o segundo capítulo é elaborado a partir da sistematização e da indagação realizada pela escritora de “quem pode falar”. Com base nisso, frisa-se a problemática de a quem é permitido, ou não, falar, sobretudo em um contexto de raízes coloniais racistas e patriarcais, o qual subalterniza e oprime ainda mais a mulher negra, que é o principal objeto de estudo da obra em questão.

Nessa perspectiva, o referido capítulo tem como discussão central de “quem pode [ou não] falar” no âmbito acadêmico. Discute-se, nesse sentido, como o conhecimento dominante e as informações condizentes com o indivíduo branco são legitimadas e privilegiadas, em detrimento daquele pertencente às pessoas negras, sendo o poder de fala inviabilizado também aos “Outros” nesse sistema seletivo. Isso porque, ao invés da área da educação e da construção de conhecimento ser inclusiva e de reconhecimento das diferentes formas de aprendizagem, apresenta-se, ao contrário disso, como uma extensão da opressão vivenciada pelas pessoas negras subalternizadas, oprimidas, marginalizadas e silenciadas também no âmbito acadêmico.

Como proferido, a mulher negra é, para Kilomba, o maior alvo de más interpretações, distorções e desconsiderações em face de seus posicionamentos e acervos intelectuais nesse cenário, sendo esta uma forma de silenciá-la ainda mais. Há, então, uma irracionalização do pensamento desta e uma conotação de que o seu lugar, no âmbito racista, seria “fora do lugar”, ou seja, fora do cenário acadêmico abordado.

Nessa ótica, a autora evidencia a necessidade de desconstruir e descolonizar o meio acadêmico, sobre o qual, assim como a própria afirma, “[...] é preciso criar novos papéis fora dessa ordem colonial” (Kilomba, 2019). Logo, como uma tentativa de mudar o cenário persistente de racismo, de colonialismo, de marginalização e de supremacia do “eu” sobre o “Outro” deve-se buscar, antes de tudo, mecanismos de mudança de mentalidade e de se enxergar o mundo, conforme defende Kilomba.

Em um terceiro momento de sua narrativa, Kilomba reflete que até o próprio racismo é visto de forma marginalizada, uma vez que, por muito tempo, não foi tomado com um problema de fato e, principalmente, não foram levadas em consideração as pessoas que o vivenciaram e vivenciam. Nesse sentido, os indivíduos brancos se colocam no centro, como figuras principais e superiores, até mesmo em vivências e contextos experienciados, efetivamente, pelas pessoas negras. Assim, persiste-se a negligência para com o subalternizado e expressa-se, com nitidez, a formalização de um racismo não necessariamente falado, mas demonstrado na prática pela caracterização do negro pelo branco em detrimento de sua perspectiva (validada), e não a do negro em si mesmo (invalidada).

Em seu terceiro capítulo busca-se conceituar, afinal, o que é o racismo. Com base na ótica da escritora, racismo nada mais é que uma busca por tornar o “Outro” diferente por não ser branco, tornando o negro em sujeito incompleto e negando, assim, “[...]o direito de existir como igual” (Kilomba, 2019). Mesmo em meio a esse massivo racismo presente na sociedade, busca-se tornar o “Outro”, as pessoas negras, as mulheres negras em sujeitos (e sujeito absoluto), como pessoas que têm voz, por intermédio da redefinição da realidade do negro realizada de forma autônoma.

Para isso, então, Kilomba realiza em sua obra pesquisas e entrevistas centradas, mais precisamente, em mulheres negras. Suas entrevistadas são denominadas com nomes fictícios, Alicia e Kathleen, e dão testemunhos de suas experiências, sobretudo com o racismo cotidiano, a partir de narrativas bibliográficas de suas próprias histórias e versões. Este é, portanto, um passo primordial na busca pela devida subjetividade e possibilidade de fala do “Outro”.

Nos capítulos seguintes da obra, iniciam-se as entrevistas supracitadas, as quais partem de uma análise episódica e fenomenológica minuciosa, em que cada título dos “episódios”

retrata temas de ampla relevância frente ao racismo cotidiano e trechos de falas das próprias entrevistadas.

Em uma primeira análise, a partir do relato de uma das entrevistadas, Alicia, denota-se a íntima relação entre “raça” e “gênero”, em que se ressalta a imposição de diferenças entre os seres humanos nesses dois polos tanto separada, quanto simultaneamente. É perceptível que esses dois aspectos se atrelam, ainda, ao racismo, denominando o “racismo de gênero”, ou o chamado racismo genderizado – realidade esta que é de uma exclusão muito mais intensa e complexa para a mulher negra, como já foi pontuado. Isso porque, nessa modalidade de racismo, a mulher negra jamais ocupará a posição de sujeito, podendo ocupar apenas uma posição vazia e de invisibilidade.

Ademais, é importante destacar, ainda nesse tópico, que racismo e sexismo se relacionam, mas não se confundem. Questão essa que, por vezes, é desconsiderada por feministas brancas, e que, para a autora, se configura como uma falha irônica, como uma falsa idealização de sororidade, denotando-se a luta das feministas negras também nesse aspecto. Reforça-se, então, que o objetivo do estudo de Kilomba é dar visibilidade e autonomia devida às mulheres negras para se expressarem e existirem como sujeitos efetivamente.

Em prosseguimento às suas entrevistas, Kilomba retrata e discute acerca do não pertencimento do indivíduo negro no espaço, por ser, conscientemente, deslocado pelo branco para posições alheias, como uma forma de racismo intrínseco. Dessa forma, delimita-se espaços e nacionalidades específicos para cada “raça”.

Ao longo desse episódio, denominado “Políticas Espaciais”, a pesquisadora denota esse processo de “despertencimento” do “Outro” como um tipo de fantasia colonial de incompatibilidade usada pelo discurso dominante como forma de poder e de controle sobre este. Isso é demonstrado pela própria fala da autora de que “O racismo não é apenas insultar, mas antes de tudo como as pessoas olham para você... quando as pessoas vêm perguntar: ‘De onde você é? Porque fala alemão tão bem? Isso é racismo [...]’ (Kilomba, 2019).

No que concerne às políticas do cabelo, assunto principal da entrevista seguinte de Kilomba, reitera-se o ponto de que as diferenças existentes são, na verdade, construídas, e não existentes de maneira natural. Essa diferenciação é um modo de viabilizar a discriminação e legitimar a invasão daquilo que pertence ao “Outro”. Sobre isso, pontua-se que “A diferença é usada como uma marca para a invasão. Ser tocada, assim como ser interrogada é uma experiência de invasão [...]” (Kilomba, 2019). Assim, o que é importante e significativo para mulheres negras, é oprimido e silenciado por pessoas brancas que se recusam a reconhecer a perspectiva e a subjetividade destas primeiras.

Perante o exposto, percebe-se a existência de um processo de estigmatização do cabelo de pessoas negras, o qual é tido como algo ruim, intolerável, desvalorizado e repulsivo para os brancos. Esse processo, no entanto, é contestado pela autora, que afirma que o cabelo e os penteados africanos devem ser, em contrapartida ao que é fixado pelo racismo, uma forma de potencialização do sujeito negro e de conscientização política como uma maneira de resistência e protesto à opressão.

Posteriormente, Kilomba relata as experiências de sua segunda entrevistada, Kathleen, sistematizando a utilização de piadas racistas e do modo como estas corroboram o racismo cotidiano. Em face disso, dispõe-se acerca do contexto em torno das referidas piadas, o qual demonstra o desejo de destruição do homem negro e o desejo de possuir, ou seja, a atração sexual pela mulher negra por parte do homem branco – determinando esse episódio, então, como “Políticas Sexuais”. Nesse ínterim, a sexualização também é apresentada a partir do entendimento de que a mulher negra “serve” para procriar ou para ser amante. Desse modo, a mulher negra é vista como um “corpo sexualizado desejável” para o homem branco e um objeto de medo e de inveja para a mulher branca, questão esta que, assim como todas as analisadas no livro em discussão, é fruto do racismo enraizado.

No que tange às políticas da pele, há uma pauta de que as pessoas negras são invisibilizadas por indivíduos brancos a partir de um elemento característico de suas subjetividades, que é a cor de suas peles. Isso se dá como uma forma de negação da negritude, como se a cor de sua pele fosse algo ruim, situação essa que é denominada pela escritora de “fobia racial”. Posto isso, cabe pontuar um dilema existente, uma luta que se dá pela autoidentificação da pessoa negra, como ela de fato é, e pela forma impositiva de quem o indivíduo negro é pelo “mundo conceitual branco”. Essa é, portanto, uma forma temível de se reconhecer e de se identificar, justamente por partir de uma definição que constrói a pessoa negra como ameaçadora e abominável. Logo, a pessoa negra, sobretudo na fase inicial de sua vida, busca se identificar, de maneira forçada, com o indivíduo branco, já que apenas este é idealizado por si mesmo como “bom”, “adequado” e digno de ser seguido como exemplo. Por fim, Kilomba sugere que a única maneira de reverter essa alienação construída é a partir da construção de imagens positivas também de pessoas negras, como uma possibilidade de, finalmente, poderem se auto identificar.

“Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano” também expressa em seu conteúdo que a palavra “N.” quer dizer “Neger/Negerim” em alemão, sugerindo uma conotação pejorativa carregada de heranças e de raízes coloniais de ódio e de opressão para o povo negro, a qual tenta ser acobertada pelo próprio racismo e representa um trauma, não só para as entrevistadas de Kilomba, mas para todos os “Outros”. Sob esse entendimento, a palavra em questão não demonstra apenas o trauma colonial, mas também a dor que vem deste. É nítido, então, que essa dor foi brutalmente vivenciada no passado pelas pessoas negras e é, ainda, revivida no presente. Isso fica expresso pela seguinte fala da autora: “Assim, ser chamada/o de N. nunca significa ser chamada/o apenas de negra/o; é ser relacionada/o a todas as outras analogias que definem a função da palavra N.” (Kilomba, 2019).

Outrossim, é necessário pontuar, ainda nesse eixo temático, que o racismo se configura por uma constelação triangular, a qual é notadamente percebida nos relatos das entrevistadas. Triangular porque é dado por alguém que performa o racismo, alguém que é objetificado e sofre o racismo e alguém que tolera o racismo em silêncio, de modo a confirmá-lo. Desse modo, a colocação da palavra “N.” é reforçada nessa constelação triangular, fixando ainda mais as posições coloniais de poder e de superioridade dos brancos sobre os negros.

Além das diferentes formas de configuração do racismo até aqui elencadas, tem-se também que este se dá de maneira geográfica, de modo a segregar a sociedade em lados, negro

e branco: daí o nome do presente episódio: “Segregação e Contágio Racial”. Para Kilomba, essa situação segregacionista é classificada como “fantasias de contágio racial”, ou seja, esses polos devem estar separados para que o “lado negro” não contagie o “lado branco”, e jamais o contrário na ótica racista. Além disso, pontua-se que mesmo que haja a interseção de lados, o indivíduo negro permaneceria sendo isolado e hostilizado pela supremacia branca a partir de uma ansiedade introjetada na sociedade. Com base nisso, entende-se que tudo que está “fora do seu lugar” é tido como sujo, assim como, por analogia dessa supremacia branca, o sujeito negro seria visto como sujo, legitimando, conseqüentemente, esse processo de segregação. Nesse sentido, Kilomba pontua que: “Nas margens, elas e eles não são ‘sujas’ e ‘sujos’, mas devido ao fato de o sistema não fornecer lugar para tais pessoas como iguais, elas se tornam contagiosamente sujas assim que adentram o centro, onde estão fora de sua ordem e, por isso, são vistas como ‘suja/os’” (Kilomba, 2019).

Já no episódio denominado “Performando a Negritude”, destaca-se a questão da representatividade como uma forma de também evidenciar o racismo. Isso porque as pessoas negras, quando têm oportunidade de serem incluídas em locais que são a minoria, buscam representar todos aqueles que vivem e partilham da mesma luta e história de exclusão. Nesse contexto, essa minoria que, em momentos excepcionais, é incluída deve se esforçar muito mais para, além de ser incluída, conseguir uma posição de igualdade para com os demais, tendo, portanto, uma responsabilidade ainda maior em face da representatividade que exerce. Destarte, as pessoas negras nessa posição, sob a ótica racista, devem ter uma “performance excelente da negritude” para que não tenham características positivas, como inteligência e bom desempenho, dissociadas de sua personalidade pelo fato de serem negras.

O episódio intitulado “Suicídio” reitera a temática da invisibilidade do indivíduo negro. Essa invisibilidade reforça a sua posição de “outridade” e culmina, nos piores dos casos, no suicídio como uma forma de demonstrar o quão insuportável é a realidade racista. Realidade esta que é vivida pelas entrevistadas de Kilomba e por todas as demais pessoas negras. Nesse sentido, o suicídio se torna uma maneira do negro tentar fugir da reiterada posição de “Outro” no auge de sua insuportabilidade. Kilomba acentua que esse cenário é ainda mais perturbador para as mulheres negras, uma vez que são alvos não só do colonialismo racista, mas também de um patriarcalismo degradante, sendo sempre a “Outra” em última instância.

Por outro lado, há uma construção ideológica da mulher negra como uma “supermulher de pele escura”, que torna o suicídio dessas mulheres, nessa linha de pensamento, como algo impossível, já que são mulheres multiatarefadas a partir desse entendimento. Assim, ignora-se o fato das reais experiências traumáticas destas como mulheres negras, sendo a referida “posição de empoderamento” também distorcida pelo racismo.

No último episódio da composição de entrevistas de Kilomba, sistematiza-se a questão das representações racistas que o branco submete o indivíduo negro e o anseio daquele em retomar um passado opressor que o era confortável. Nessa perspectiva, reflete-se, ainda, a importância do sujeito negro se posicionar frente a essas situações e a imprescindibilidade da tomada de consciência do próprio negro como uma forma de lutar contra o racismo. Essa realidade se dá, enfim, a partir de um processo de “Cura e Transformação” do abordado trauma

colonial.

Portanto, Kilomba busca descrever esse processo traumático vivido diariamente por pessoas negras por meio do termo “plantação” que compõe o título de sua obra, o qual representa o passado colonial que é revivido e incapaz de ser esquecidos pelo sujeito negro. O trauma colonial não revela apenas o que foi o colonialismo, mas também as suas consequências irrefutáveis e irreparáveis. Nessa compreensão, o trauma é dado de forma coletiva, o qual possui três aspectos que o evidencia, e são notadamente percebidos nos relatos de Alicia e Kathleen. Esses aspectos se dão: pelo “choque violento”, que pressupõe algo que não se espera por parte do indivíduo negro; pela “separação”, que significa a impossibilidade de o sujeito negro viver plenamente em comunidade; e, por fim, pela “atemporalidade”, a qual faz o passado virar presente e o presente virar passado no que se refere às ações coloniais e racistas que se inter cruzam no tempo e afetam drasticamente, em qualquer momento, aquele denominado como “Outro”.

Nas considerações finais, Kilomba afirma que o racismo cotidiano busca restabelecer a ordem colonial discutida ao longo de sua obra, remontando o colonialismo. Contudo, o objetivo da autora é exatamente o contrário. É uma proposta de descolonização do sujeito negro que é, constantemente, colocado como “Outro”. Esse objetivo se dá tornando o indivíduo negro em sujeito falante, que, na verdade, nunca deveria ter sido silenciado, fazendo-o, assim, viver por si só e não em face do indivíduo branco.

Além de tudo, percebe-se também a crucialidade de demarcar limites e fronteiras do branco ao sujeito negro como uma forma de descolonização dessa ordem paradigmática, de modo que esse sujeito defina com precisão seu lugar de fala e de existência. A descolonização também é dada por meio da mudança da triangulação original retratada no decorrer da obra, fazendo com que o sujeito negro mude sua posição no racismo cotidiano, e, ainda, pela fuga do perfeccionismo e da alienação que o racismo impõe ao sujeito em construção.

Finalmente, a autora conclui que é tornando-se, de fato, sujeito, por meio de um processo de negação, frustração, ambivalência e identificação que se rompe, enfim, com a ordem colonial, descolonizando com excelência o negro e tornando-o efetivamente “eu”, e não mais “Outro”, no contexto hodierno.

“Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano” é, então, um exemplar imprescindível para compreender, de forma crítica, a necessidade da desconstrução das bases coloniais ainda presentes na sociedade. Uma leitura intrigante, forte, necessária e que desperta no leitor anseio por participar e contribuir na luta antirracista. Sendo assim, é uma obra de mudanças de perspectivas e de vidas a partir de sua leitura.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogo, 2019.